

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT04.001

# A COLONIZAÇÃO DOS AFETOS NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE SOBRE A INSEGURANÇA ONTOLÓGICA DO SUJEITO MODERNO

**WELLINGTON DUARTE PINHEIRO**

Professor Substituto do Departamentos de Fundamentos Sóciofilosóficos da Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Professor do Centro Universitário UNIFACOL, Vitória de Santo Antão/PE, grisalho77@gmail.com.

## RESUMO

Este artigo é um dos desdobramentos da nossa pesquisa de doutorado sobre formação humana no campo da relação educação-espiritualidade. O texto tem por objetivo investigar como os afetos, enquanto dispositivos de colonização política, consistem numa possibilidade autêntica de compreender o processo de insegurança ontológica do sujeito da educação. Em termos filosóficos, a reflexão repousa no pressuposto de que: o estudo da insegurança ontológica no contexto da formação humana contemporânea inclui a postura da ética do cuidado de si como uma possibilidade de compreensão desse fenômeno de esvaziamento do sujeito (FREITAS, 2010, 2014, 2021) e (FOUCAULT, 2004). Em termos metodológicos, nossa pesquisa é de cunho teórico bibliográfico, valendo-se da última fase do pensamento de Michel Foucault que convencionou chamar de ética do cuidado, problematizada desde o imperativo ético do cuidado de si. Foi realizada uma análise problematizadora de questões delimitadas a fim de apreender como os circuitos de afetos políticos colonizam a experiência de vida do sujeito no contexto do capitalismo de vigilância, por exemplo. Sobre o referencial teórico, este artigo privilegiou investigar os afetos político tomando, por um lado, a relação educação-espiritualidade, recorrendo às noções de verdade, cuidado de si, ética do cuidado, espiritualidade, dispositivo, dentre outros; por outro lado, recorreremos ao conceito de circuitos de afetos, ontologia, pulsão e desamparo. Dessa forma, pudemos compreender como os afetos se metamorfoseiam ao se deslocarem do mundo psíquico para os corpos políticos do sujeito da educação, promovendo o que Safatle (2016) denominou insegurança ontológica.

**Palavras-chave:** Afetos. Espiritualidade. Ética do Cuidado. Insegurança Ontológica.

## INTRODUÇÃO

Este artigo é um dos desdobramentos da nossa pesquisa de doutorado sobre formação humana no campo da relação educação-espiritualidade. O texto tem por objetivo investigar como os afetos, enquanto dispositivos de colonização política, consistem numa possibilidade autêntica de compreender o processo de insegurança ontológica do sujeito da educação. Diante do cenário de colapso do sujeito, da emergência de políticas que “sufocam” a nossa capacidade de resistir ao processo de aniquilamento da vida emerge nossa reflexão, ela apresenta como ponto de partida a discussão dos afetos compreendidos como dispositivos de colonização das estruturas subjetivação do sujeito da educação.

A necessidade de responder a um conjunto de questões a saber: como se dá a ultrapassagem da ideia clássica de afetos para o entendimento dos afetos enquanto dispositivos de controles da formação humana? Como a relação educação-espiritualidade compreende a discussão dos afetos? E em que medida e condições a discussão dos afetos promove a uma situação de insegurança ontológica? Para responder a estas e outras questões foi preciso nos debruçar sobre as limitações afetivas do sujeito da educação a partir de um processo de insegurança ontológica na espera político-ontológica contemporânea.

Com efeito, a importância da pesquisa é justificada em primeiro plano pelo fato de representar uma ampliação dos estudos da dimensão afetiva do nosso trabalho de tese que versou sobre pensamento pedagógico espiritualista de Rubem Alves, pois ao compreendemos os afetos enquanto dispositivos políticos ampliamos nosso entendimento dessa questão a fim de deslocar os afetos localizados na experiência da prática educativa para o campo dos afetos enquanto dispositivo que governa os *corpos políticos* do sujeito da educação.

Por outro lado, mobilizamos diversas referências interpretativas que nos permitiu compreender a formação humana no contexto da experiência ontológica do sujeito da educação. Para aprofundar nossa inserção no debate recorreremos a um primeiro marco de referência que tratam de compreender a questão da ontologia no campo da relação educação-espiritualidade (por exemplo, Freitas, 2010, 2010a, 2014, 2015; Foucault 2004, 2008, 2011; Hadot, 2006; Lalande 1999). Um segundo marco de referência consistiu em compreender os afetos enquanto dispositivos de dominação que coloniza o sentido de viver (Safatle, 2007, 2007a, 2016, 2020; Freitas, 2014, 2015).

Justificamos nosso artigo, do ponto de vista profissional, pelo interesse de entender mais claramente como os afetos constituem uma maneira potente de fragilizar a experiência de autonomia do sujeito da educação num contexto marcado por insurgências de políticas neoliberais que instaura o medo da desassistência estatal como mecanismo de dominação e aniquilação da experiência formativa, pois ao parafrasearmos Freitas (2014) pudemos compreender os afetos como técnicas de controle emocional e social a fim de observar como determinadas práticas pedagógicas podem configurassem em programas de (controle) do bem-estar social. Com isso acessamos uma gama de conceitos como: verdade de si, conhecimento de si a si, coragem da verdade entre outras ferramentas interpretativas o que nos permitiu potencializar nossa visão dos afetos como técnicas de dominação dos corpos político.

Do ponto de vista teórico-operacional, nosso esforço analítico se justificou pela existência de uma vasta produção bibliográfica acerca da ontologia do sujeito da educação e os desafios do educador acerca do movimento neoliberal de administrar o sujeito da educação, principalmente, nas contribuições de um conjunto de educadores que ao destacar a importância do acesso à verdade e ao conhecimento de si mesmo como um movimento de resistência contra o que se denominou de práticas de objetivação do sujeito que se cristaliza em nossa experiência vital atuando como dispositivo de racionalização do saber pedagógico e empreendem um discurso que desvaloriza (normaliza) a prática pedagógico-reflexiva do educador para com a coragem da verdade de educar, logo a educação deixaria de ser um experiência contemplativa encontrada em Hadot (2006) para torna-se um conjunto de saberes e conteúdo de qualificação profissionalizante típico da educação burocrático-racional proposta por Weber (2004). A partir dessa compreensão de subtração das capacidades vitalistas do sujeito da educação foi possível realizar um diálogo entre as discussões espiritualista da educação com o “déficit” de reconhecimento ontológico do sujeito contemporâneo.

Em termos metodológicos, nossa pesquisa é de cunho teórico bibliográfico, valendo-se da última fase do pensamento de Michel Foucault que convencionou chamar de ética do cuidado, problematizada desde o imperativo ético do cuidado de si. Com efeito, realizamos uma análise problematizadora de questões delimitadas a fim de apreender como os circuitos de afetos políticos colonizam a experiência de vida do sujeito no contexto do capitalismo de vigilância.

Teoricamente, por um lado, tivemos a preocupação de aprofundar a discussão sobre as configurações dos afetos enquanto dispositivos filosófico-pedagógicos de aniquilamento que alteram a autonomia (o si mesmo) do sujeito no campo educacional o que exige do pesquisador um esforço de comprometimento ético para delimitar, no âmbito da relação educação-espiritualidade, aspectos do objeto em análise e com isso conseguimos elucidar pressupostos, abordagens teóricas, caminhos metodológicos, problema de investigação e outros elementos da pesquisa essencial para a aprofundamento do debate.

Tal discussão teve o intuito de revelar questões esclarecedoras sobre a relação dos afetos que produzem ausência de sentido na experiência do sujeito contemporâneo com as posturas pedagógico-espiritualista da formação humana. De forma sintética, nosso percurso discursivo conseguiu apresentar um conjunto de ideias, conceitos e autores capazes de esclarecer como a questão da racionalização dos afetos aniquila a experiência de humanização do sujeito da educação, deflagrando um processo de insegurança ontológica por isso trazemos as contribuições da noção *de si mesmo*, por exemplo, como uma proposta ontológica surpreendente capaz de descortinar aspectos significativos da objetificação da vida a fim de ressignificar nosso entendimento sobre a colonização dos afetos do sujeito moderno.

Assim avançamos em nosso entendimento sobre o fato de que enfrentar a questão da colonização do sujeito contemporâneo diz respeito a uma tarefa filosófica de grande esforço interpretativo, sobretudo, quando o processo de “absolvição” do eu se põe nas estratégias de dominação das experiências afetivas, pois “o afeto é compreendido a partir de uma dinâmica de imbricações que descreve as alterações produzidas por algo (...) “que nem sempre é constituído por nossa consciência representativa” (SAFATLE, 2016, p. 38). A partir dessa percepção engenhosa o referido autor problematiza a questão dos afetos a partir de algumas questões a saber: Que afetos permitem a insurgência de uma violência destruidora daquilo que nos faz estagnar em um circuito de repetições intermináveis? Que afetos criam sujeitos? E mais: que afetos colonizam nossa existência crítica? Em outras palavras, como os sujeitos são colonizados e destituídos da sua experiência de sentido, de reconhecimento da verdade?

No âmbito da relação educação-espiritualidade identificamos que uma maneira de compreender essa questão se dá pela experiência de sentido na prática pedagógica o que implica entender a atividade pedagógica como uma postura capaz de nos libertar da condição de sujeitos normalizados por dispositivos de

afetos que inibem a capacidade compreender as estruturas de aprisionamento do sujeito contemporâneo. Para além disso a compreensão da espiritualidade, tal como Foucault a recepciona das pesquisas de Pierre Hadot, mostrou que o destino de nossa relação com a educação pode ser bem diferente daquela que nos condenou o insuportável peso do conhecimento pelo conhecimento. A espiritualidade manifesta-se como um tipo de crítica constituída em “carne e osso” às formas convencionais e habituais de se viver no mundo. Logo,

Se a espiritualidade pode ser o real da filosofia, decorre do fato de ser o seu campo algo que permite ao sujeito moderno, condenado ao círculo do conhecimento, poder repensar e indagar o lastro de sua composição em uma relação com o seu próprio modo de ser consigo mesmo e com o mundo. [A espiritualidade é o] *érgon* filosófico [...] dimensão indissociável da vida, ou da arte de viver (CARVALHO, 2014, p. 06).

Assim sendo, ao tratarmos da colonização do sujeito contemporâneo a partir da leitura atenciosa de Safatle (2016) pudemos correlacionar os argumentos desse autor com as leituras freudianas preocupadas em entender como a reflexão sobre os afetos estão na base da formação de vínculos sociais encontrados na estrutura de organização política da vida, em outras palavras, são os afetos que funcionam como uma base adesão social, possibilitando a compreensão de fatores e situações mobilizados para bloquear a dimensão emancipatória dos indivíduos (SAFATLE, 2016).

Dada essa afirmação contundente pudemos refletir que o pressuposto dessa afirmação corresponde ao fato de que ao sermos afetados instauramos em nossa estrutura psíquica uma maneira elementar de sociabilidade que constrói vínculos inconsciente e imperceptíveis no primeiro momento. Logo, a partir desse pressuposto Safatle identifica determinados afetos que ao bloquearem nossa capacidade de sociabilidade, de reconhecimento de nossas identidades, da formação de nossa autonomia favorece a um processo de esvaziamento das subjetividades, das maneiras de resistir a todo processo de dominação. O afeto do medo apresenta-se como um dispositivo presente na lógica da política, ele emerge diante da necessidade de proteção dos bens sociais, ele é o que o autor chama de calculador social. Sobre o autor ressalta:

(...) contra a destrutividade amedrontadora que coloca os indivíduos em constante movimento, fazendo-se desejar o objeto do outro (...) faz-se necessário o governo (...) [para] estabelecer relações através de

contratos que determinam lugares, obrigações, previsões de comportamentos, estariam vinculados à circulação do afeto do medo como fator instaurador e conservador de autoridades (SAFATLE, 2016, p.43). Para ratificar sua tese de que o afeto do medo atua nas estruturas subjetivas dos indivíduos criando estruturais artificiais o autor menciona as estruturas de poder pastoral como exemplo.

Como sabemos Foucault os regimes de verdade do *saber médico* observou que a normalização (imposição das estruturas do poder-saber) “cura” (neste caso, determina o que é ser um indivíduo saudável) a partir da construção social de saberes edificados pelos cânones do discurso científico. Esses são argumentos retirados de Foucault (2008) para demonstrar outras formas de colonização do sujeito contemporâneo. Sobre isto Safatle afirma:

A afirmação canônica de Michel Foucault a respeito das ilusões da “soberania da clínica” vale para este contexto de discussões: “Desde o século XVIII, a medicina tem tendência a narrar sua própria história como se o leito dos doentes tivesse sido sempre um lugar de experiências constante e estável, em oposição às teorias e sistemas que teriam estado em permanente mudança e mascarado, sob sua especulação, a pureza da evidência clínica (SAFATLE, 2007, p. 178).

Na constituição dos afetos de aniquilamento dos sujeitos o autor identifica o *desamparo* (hiflosigkeit) compreendido como dispositivo estrutural de colonização do sujeito contemporâneo, é neste afeto que ele demonstra o colapso das experiências indenitárias, as quais responsáveis por nos paralisarem a autonomia a partir de um processo individual de autogerenciamento de si. O enraizamento no indivíduo dos problemas coletivos provoca um colapso na política, na dimensão formativa o que pode engolfar as possibilidades de compreender a dimensão integral, a experiência educativa como uma potência de ressignificação do sujeito da educação, sobretudo pelo fato do desamparo ter: “algo de desabamento das reações possíveis, de paralisia sem reação (...) ou mesmo da extrema vulnerabilidade vinda do fato de estar fora de si” (SAFATLE, 2016, p. 51). Na próxima sessão apresentamos o percurso metodológico do artigo.

## METODOLOGIA

---

A metodologia deste artigo é de cunho teórico bibliográfico, valendo-se da última fase do pensamento de Michel Foucault que convencionou chamar de ética do cuidado, problematizada desde o imperativo ético do *cuido de si* (FREITAS, 2010, 2014, 2015). É a partir deste campo investigação das *práticas de si* comprometida com a postura pedagógica da relação educação-espiritualidade que pudemos compreender como os afetos políticos implementam processos de dominação no sujeito da educação.

A invocação de Foucault para analisar os circuitos de afetos entre corpos desamparados de sentido tem a ver com um conjunto de ideias capaz de identificar e superar as limitações das filosofias interpretativistas tradicionais que não conseguem apreender completamente as estratégias de governo da vida. Isso nas palavras de Dreyfus & Rabinow (2013) significa reconhecer que:

(...) além da aparente validade da contra-afirmação da hermenêutica de que as ciências só podem proceder legitimamente através da compreensão do sentido mais profundo do sujeito (...) Foucault pôde mostrar como, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se uma espécie de objeto e de sujeito analisada e descoberta pelo estruturalismo e pela hermenêutica (DREYFUS; RABINOW, p. 13, 2013).

Essa limitação interpretativa também ocorre nas pesquisas preocupadas com a relação educação-espiritualidade, sobretudo pelo fato das metodologias tradicionais não conseguirem compreender as possibilidades de ressignificação espiritualista do sujeito da educação, por isso observamos que: “ao contrariar a linguagem filosófica e científica dominantes, Foucault parece resistir à ideia de que a questão da espiritualidade se evaporou da atividade global do pensamento (FREITAS, 2015, p. 300).

Corroborando com a passagem acima a compreensão das maneiras como Foucault compreende as possibilidades de ressignificação do sujeito em seus cursos tardios exige do pesquisador um comprometimento a arte de ler: “em nosso modo de ver (..) os textos desse período precisam ser lidos menos como uma exposição de conhecimentos histórico-filosóficos e mais como uma pragmática, ou seja, como protocolos de um exercício espiritual em andamento (FREITAS, 2014, p. 130).

Isso ganha maior relevância quando compreendemos a dimensão ontológica implícita nas obras tardias de Foucault, sobretudo, o estudo ético da noção do

*cuidado de si* (epiméleia heauthou) que, de forma sucinta, consiste em apreendê-la como um imperativo ético caracterizado pelo modo de existência, nas quais os indivíduos conduziam suas vidas através de preceitos éticos que os conduzem a estabelecer uma outra relação de acesso a verdade implementadas pela experiência do falar, do compreender-se verdadeiramente consigo mesmo através de exercícios espirituais que, segundo Hadot (2006) opera no sujeito um conjunto de transformações de ordem (intuitiva, física e discursiva). Neste sentido, tais exercícios devem ser compreendidos como: “ um reconhecimento de um certo aspecto da filosofia: uma arte de viver, um estilo de vida que compromete a totalidade da existência” (HADOT, 2006, p.253, tradução nossa).

Diante desta forma de compreender como os sujeitos pode conhecer a si mesmo, identificando maneiras autênticas de existir, de encontrar sentido na sua experiência de viver com o intuito de cindir determinadas formas de governo da vida a ética do cuidado apresenta-se como uma postura filosófica capaz de decifrar as tessituras de colonização dos afetos. Vale ressaltar que o Próprio Safatle reconhece a importância do pensamento foucaultiano para identificar como os circuitos dos afetos coloniza a vida dos corpos político, pois:

Foi na vida política, muito mais que o direito, que se tornou o objeto das lutas políticas ainda que estas últimas se formulem através de direito'. Essa frase de Michel Foucault evidencia a cristalização de uma importante mutação de poder nas últimas décadas, [pois]ficamos ainda mais sensíveis à maneira como os discursos disciplinares sobre a sexualidade, as disposições corporais, a saúde e a doença, a experiência do envelhecimento e do autocontrole estabelecem as normatividades que produzem a ideia social de uma vida possível de ser vivida (SAFATLE, 2016, p. 284).

A partir dessa passagem fica evidente como a investigação dos afetos enquanto dispositivos que governam nossos circuitos de sentidos e de encantamento da vida exige do pesquisador envolvido na relação educação-espiritualidade a construção de ferramentas metodológicas problematizadora das estratégias de dominação, das possibilidades de acesso a verdade do sujeito da educação e dos dispositivos de colonização dos corpos políticos que atrelados ao compromisso ético de compreender a pesquisa filosófica como uma experiência de abertura de si mesmo criar-se um maneira autêntica de entendimento do fenômeno filosófico-espiritualista acerca da colonização do afetos na formação humana.



Assim sendo, emerge um aspecto metodológico fundamental na obra de Michel Foucault que é a importância de problematizar os objetos de investigação científica do pensamento na obra “Por que Foucault?” (2008) num artigo intitulado “Michel Foucault: Pesquisa Educacional como problematização” o professor James Marshall ressalta que a problematização implica:

Compreender o objeto de pensamento como um problema. Um objeto de pensamento como problema não carrega “bagagem”. Questionar metas, significados, condições e metas é ao mesmo tempo liberdade em relação ao que se faz. É tratar o objeto de pensamento como um problema. Um sistema de pensamento seria uma história de problemas ou uma problematização. Envolveria um conjunto de condições nas quais possíveis respostas pudessem ser propostas, mas não se apresenta como solução ou a própria resposta (MARSHAL, 2008, p. 31).

Trazendo essa postura metodológica da problematização para nossa discussão há que se reconhecer que o estudo sobre o governo dos afetos que colonizar a experiência do sujeito autêntico implica a construção de condições de possibilidades que permite ao sujeito um recuo a si mesmo a partir de uma análise sensível dos dispositivos éticos, políticos que seja livre das verdades e modos de pensar unidirecional. Ao contrário disso, problematizar e compreender o governo dos afetos implica reconhecer em nós mesmo pontos de singularidades e diferenciação que se inscrevem em nossa existência e podem despertar em cada um de nós modos de resistir ao processo de colonização dos afetos políticos que nos constituem potências do existir.

Enquanto procedimento metodológico realizamos um levantamento bibliográfico sobre conceitos e noções que envolvesse a temática da colonização dos afetos e perspectiva educacional da formação humana com o intuito de esclarecer como essa temática tem relevância para demonstrar como os circuitos dos afetos constituem estratégias “sui generis” capazes de agenciar e construir modos de existir coerentes com o projeto de dominação do sistema de poder hegemônico moderno. Nesta direção decidimos analisar duas obras do Filósofo Vladimir Safatle. Um: em “Circuitos dos Afetos” (2016) analisamos como os afetos políticos constituem estratégias de socialização – dominação da potência crítica do sujeito – a partir de sistemas de controles no mundo inconsciente (psíquico) do sujeito moderno. Dois: na obra: “Maneiras de Transformar Mundos” (2020) identificamos

formas de resistir o processo de dominação da vida afetiva. Na próxima sessão iremos desenvolver esse itinerário argumentativo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

---

Com o intuito de compreender e problematizar a fato ontológico de como os afetos, enquanto dispositivos de colonização política consistem numa possibilidade autêntica de compreender o processo de insegurança ontológica do sujeito da educação desenvolvemos um percurso reflexivo baseado em dois momentos. Em primeiro lugar, procuramos evidenciar como os afetos políticos constituem um sistema de colonização de nossa potência crítica de existir no mundo. Tal dominação carrega em si mesma um elevado grau de sofisticação, pois como afirmou Safatle (2016) os sistemas de poder não governam mais as estruturas morais e institucionais do mundo da vida social presente em normas e código de condutas porque os afetos políticos governam o mundo psíquico capaz de conservar as relações de autoridade legitimadas pelo poder dominante da vida moderna.

Num segundo momento descrevemos a partir de Safatle (2020) formas de resistir ao processo de dominação dos afetos a partir da experiência da transferência psicanalista, a qual proporciona ao sujeito da educação um mergulho em si mesmo que o emancipa das estratégias silenciosas e sofisticadas de dominação do sujeito moderno.

Ao compreender a colonização dos afetos como um dispositivo de colonização da potência de existir do sujeito moderno Safatle descobre uma nova maneira de ordenação do mundo da vida que migra da construção social da normas morais para uma nova matriz psíquica que visa controlar as forças de atuação do sujeito a partir de afetos capazes de gerir o modo de existir dos sujeitos, tais como: o afeto do medo, a depossessão de bens e o afeto do desamparo, por exemplo.

Neste processo de compreender a metamorfose das imbricações afetivas “normalmente acreditamos que uma teoria dos afetos não contribui para o esclarecimento da natureza dos impasses dos vínculos sociais” (SAFATLE, 2016, p. 37) a engenhosidade de Safatle consiste em se debruçar no processo de administração da vida a partir de uma olhar clínico-ontológico ao encontrar nos afetos do medo, da angustia, do desamparo, dentre outras estratégias de “subtração” do indivíduo uma maneira singular de compreender o esvaziamento de nossas identidades. Ou seja, Safatle desce das macroestruturas objetivas para mergulhar na

dimensão das subjetividades, das maneiras de ser si mesmo enquanto experiência de contemplação de existir. Dessa forma, nosso artigo identificou a importância de se debruçarmos na dimensão ontológica do sujeito da educação a fim de compreendermos como essas novas estratégias de dominação afetam a capacidade de transformação ontológica na experiência pedagógica. Sobre isso é relevante identificar como os afetos políticos esvazia nossa potência de existir ao fragilizar a formação das nossas identidades, como também faz emergir doenças físicas oriundas de episódios repetitivos de diferentes somatizações sociais. No texto: “A Psicanálise e o Desamparo Frente à Crise de Valores e Ideais na Atualidade” (2020) isso ficou evidente, pois;

A experiência de sofrimento tem sinalizado que a capacidade de simbolização e de formação de narrativas subjetivas encontra-se em crise e sendo substituída pelos registros do corpo, do somático e da ação. A sintomatologia ligada a esses registros não é exatamente nova. Ela traduz-se por sintomas clínicos, tais como as automutilações, a ideação de morte, os relatos de vazio ou inadequação subjetiva, perturbações no sentimento de identidade e no adoecer físico (CAMPOS, MENEZES, BOCCHI, 2020, p. 10).

Correlacionando esses dados com o campo da educação ressaltamos que para Foucault na *Hermenêutica do Sujeito* (2004) a relação entre verdade e subjetividade é compreendida como pressuposto para acessar a ética do cuidado. Com efeito, o acesso a dimensão da verdade proposto por ele deve transformar o sujeito da educação, na medida em que é possível iniciar uma ação de transformação de si por si mesmo, um trabalho de subjetivação dos discursos reconhecidos como verdadeiros e que, se acessados com comprometimento, promove no sujeito da educação determinadas atitudes e disposições de acesso a verdade necessária para uma compreensão autêntica da existência.

Dessa maneira a reflexão pedagógica passa a ter a possibilidade de refletir como os conceitos de: *liberdade, integridade, ética do cuidado, subjetivação, verdade de si, prática pedagógica*, dentre outros, guardam afinidade com a dimensão da relação educação-espiritualidade ao serem correlacionados com a questão dos afetos proposto por Safatle. Tal articulação demonstra como, em certa medida, vivemos ancorado e reduzido a uma compreensão artificial da nossa existência, visto que a ideia de vida ganha os adornos do prazer “ilimitado” prometido pelas ideologias da democracia contemporânea, as quais esvaziam o simbolismo da vida,

limitam a nossa capacidade de representar, de identificar sentimentos e valores egoístas que limitam o desenvolvimento da nossa dimensão integral. Para Safatle a colonização do indivíduo - neste caso, no âmbito da política – nos permite compreender que as “teorias democráticas definem sua especificidade a partir da natureza simbólica do lugar vazio no poder” (SAFATLE, 2016, p. 71).

Com isso os afetos apontados por Safatle criam uma falsa realidade de que as relações de poder, de legitimação de regimes e ordenação de verdades são constituídos no vazio das relações de poder, de maneira “neutra”. Para contrapor-se a estes tipos de instrumentos de dominação, destas maneiras normalização dos discursos de poder se faz necessário propor modelos formativos caracterizados pela capacidade de questionar essa colonização do sujeito da educação.

A fim compreender esse quadro de esvaziamento do sujeito contemporâneo o autor mencionado, curiosamente, recorre a uma série de argumentos e autores, sobretudo, Hegel, Freud e Lacan para desmontar esse “encapsulamento do sujeito”, essa falta de sentido que absorve desejos, fantasias, autenticidade, maneiras integrais de formação ontológica contemporânea. Para dar conta da nossa investigação resolvemos avançar nossa compreensão sobre o afeto político do desamparo, pois como fala o próprio Safatle o desamparo “é o afeto que nos abre os vínculos sociais” (SAFATLE, 2016, p. 43). A centralidade dos afetos, neste caso - o desamparo – é fundamental para pensar a crise do sujeito moderno senão vejamos:

Na atualidade, a Psicanálise tem privilegiado o conceito de desamparo para tecer reflexões ontológicas e éticas fundamentais sobre o homem enquanto um ser cultural, de modo que o desamparo tem sido um operador importante para refletir sobre as condições subjetivas do laço social contemporâneo, que é caracterizado por uma transição no âmbito dos valores em que os ideais normativos coletivos que eram garantidos pelas instituições modernas agora encontram-se em crise (CAMPOS, MENEZES, BOCCHI, 2020, p. 7).

Tendo em consideração esse desafio ontológico do sujeito da educação Safatle demonstra haver uma mutação do conceito de desamparo, que sai do projeto biológico e se localiza em direção a uma dimensão essencial, própria ao funcionamento psíquico, pois o desamparo é compreendido como uma “dor que não cessa, um acúmulo de necessidades que não tem satisfação” (p.54). Por isso ele passa a operar como um “bloqueador”, uma espécie de inibidor de tonalidade afetiva, colapsando, “encobrendo” a experiência de sentido do sujeito da educação.

A partir desta constatação de esgotamento da experiência de si Safatle lança mão da clínica ontológica como um recurso interpretativo capaz de recuperar o sentido ontológico do sujeito da educação.

Para finalizar esse primeiro momento de nossa reflexão há que se reconhecer que o desamparo não deve ser confundido com a aceitação de uma experiência de desencantamento que nos deixa apartados das formas de socialização do mundo social, aquelas que exigem modos de sujeição a determinadas práticas e modos de existir que divergem do nossa forma de contemplar a vida. Diante disso como resistir a esse processo de colonização das nossas potenciais de existir? Há que se reivindicar a si mesmo outra forma de compreender o desamparo com uma coragem capaz de ressignificar o dispositivo de violência que coloniza nossa vida a partir das estratégias de depossessão das relações intersubjetivos que estabelecemos. Diante dessa situação limite para a construção vitalista do sujeito da educação emerge a psicanálise como um ponto de fuga dessa realidade.

Com isso emerge o segundo dado encontrado a partir da emancipação psicanalítica do sujeitos moderno. Ou seja, a experiência da transferência – identificação de espaço de cura entre o paciente e o psicanalista – uma vez que esse permite aquele (o paciente) identificar as relações de autoridade, hierarquia e poder que governam as potências vitalistas do sujeito da educação.

Com efeito, tal constatação tem a ver com o fato da psicanálise ser solidária a uma articulação complexa, porém decisiva, entre clínica e ontologia Safatle demonstra como a orientação da clínica analítica é dependente de um núcleo invariável de conceitos que compõe o campo do que se convencionou chamar clínica ontológica ou de “metapsicologia” (SAFATLE, 2007).

Neste contexto da psicanálise, sobretudo recorrendo a Jacques Lacan, o qual procurou desenvolver um trabalho de ressignificação de certos conceitos freudianos preocupados em compreender como a dimensão do inconsciente, em certa medida, representa uma possibilidade de entendimento das especificidades que atinge o humano, reconstrói suas convicções, suas formas de socialização, como também a maneira intersubjetiva de constituímos nossa maneira de se compreender sujeitos.

Logo, é neste contexto de desamparo, ausência de sentido e esgotamento de existência que a ontologia clínica analisada por Safatle nos circuitos dos afetos representa uma possibilidade de resistência para o sujeito da educação, pois dialeticamente na morte do sujeito analisado por Safatle, há uma virada, uma potência

de resistência, um gozo (ressurgimento de si mesmo) que sustenta a experiência de ser educador, uma ultrapassagem do esgotamento existencial.

Diante desta perspectiva de compreender o que afeta a nossa identidade, o que nos faz vacilar sobre as certezas do nosso Eu a ideia de pulsão que anima o nosso ser é a *pulsão da morte*. A morte, por seu turno, pensada a partir do modelo objetivo de uma matéria indiferente inanimada procura a possibilidade de satisfazer a pulsão através de uma “morte simbólica” ou “segunda morte”. Ou seja, a pulsão de morte não representa a “autodestruição da pessoa”, ela é o operador ressignificativo que nomeia a suspensão do regime simbólico e fantasmático de produção de identidades. Diante desta “morte” do sujeito da educação indagamos: Há pontos de fugas? É possível acessar o gozo (ressurgimento de si)? Há possibilidades de modos de resistências? Supreendentemente, a resposta, ao nosso entender, desperta um símbolo de esperança ontológica, pois: “o gozo produzido por essa segunda morte é impossível” (SAFLATE, 2007, p.173). Mas o que é impossível na perspectiva laciana? O “impossível” indica apenas um modo de experiência subjetiva que parece sempre exceder nossa capacidade de simbolização e de transposição de si mesmo.

Retomando a ideia da transferência psicanalítica e as possibilidades de ressignificar a experiência de colonização dos afetos do sujeito da educação Safatle defende que é a experiência da transferência que possibilita modos de abandono (pontos de fuga) da situação de dominação do sujeito moderno. Isso, segundo o autor, implica reconhecer um processo de emancipação que nasce como saldo advindo da experiência de transferência. Neste caso torna-se necessário uma pergunta: como a transferência atua nos processos de dominação que colapsam as potências de existir do sujeito da educação?

Na experiência da transferência o psicanalista ajuda ao paciente - neste caso o educador – identificar que nas relações de dominação há uma submissão da minha vontade à vontade do outro e há também aquilo que permite as relações de poder circular e que essa relação de poder não advém da minha vontade nem do outro. Logo, as expressões de poder que governam o meu agir está localizada na dinâmica inconsciente de afetos e dos objetos que produzem e portam os tais afetos. Com isso identificamos que os afetos não são prioridades do sujeito, eles são feitos de objetos. Diante disso quais implicações emergem para o educador?

Dentre várias implicações há que se reconhecer que a transferência é um recurso potente para ressignificar os processos de colonização do sujeito moderno correlacionado a isso há que se reconhecer que o recuso ontológico da transferência

não é uma ferramenta interpretativa apenas da psicanálise. Ao contrário, pois: “a transferência não é um recurso apenas em situação analítica, ela existe em todo lugar onde há poder e identificação” (SAFATLE, 2020, p. 11). Com isso a psicanálise mobilizada por Lacan deixa uma tarefa existencial de grande valia para a segurança ontológica do educador contemporâneo: a transferência psicanalista nos permite ressignificar lutas políticas capazes de promover a emancipação de si mesmo num jogo político que tenta governar silenciosamente as potências vitalistas do sujeito da educação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

Nos últimos anos tivemos a experiência de vivenciar afetos que desafiaram a nossa capacidade de resistir ao processo de afrontamento e colapso da vitalidade existencial do sujeito da educação. O fenômeno da pandemia da Covid-19 e a emergência do governo Bolsonaro (2018-2022) foram acontecimentos que nos deixaram numa situação de fragilidade das nossas potências. Esses exemplos retratam bem a relevância e a atualidade de estudar os afetos políticos como sintomas do mal-estar moderno que habita cotidianamente nossas formas de interagir no mundo social (SAFATLE, 2016), pois basta um rápido acesso a internet e logo somos “atacados” por informações, acontecimentos políticos, mudanças econômicas, emergências de conflitos globais, transformações climáticas e uma série de catástrofes que põe em xeque a nossa segurança ontológica.

Diante da complexidade desse mundo moderno onde a velocidade de “like” das redes sociais pode detonar crises, situações de desamparo e iniciar conflitos sociais emerge um tema pedagógico-político-ontológico de fundamental importância para que nós possamos lidar com as novas estratégias de dominação sutil mas que tem potencial de dominar nossas ações e nos deixar paralisados diante de situações que, em princípio, podem inibir ou dificultar a nossa forma de compreender questões ontológicas que desafiam a nossa forma de entender as relações de poder que tentam colonizar nossa capacidade crítica de ressignificar as novas técnicas de dominação da vida moderna. Tais estágios afetivos de dominação se dão através dos afetos políticos que nos desestabilizam e podem desviar o foco da nossa atenção dos principais problemas que afetam nossa vida acelerada e organizada pelos dispositivos eletrônicos de poder como o celular, por exemplo.

Esses dois parágrafos demonstram como os afetos políticos identificados por Vadimir Safatle são fundamentais para nos mostrar como a organização da vida política moderna utiliza recursos de dominação sofisticados que habitam nossas intimidades da vida psíquica e produzem um processo de docilização (dominação) do nosso agir o que, na prática, pode moldar a nossa capacidade de construir sentido para nosso agir pedagógico, uma vez que tal docilização pode governar nossa forma de compreender as relações de poder que governam o sujeito moderno (FREITAS, 2014).

Diante desse diagnóstico surpreendente a experiência de construção deste artigo demonstrou que apesar de existir em curso um poderoso sistema de governo das vitalidade humana operada pelos afetos do medo e do desamparo por exemplo, o campo da educação conseguiu mobilizar recursos da filosofia e da psicanálise que através de um processo de autoconhecimento e da construção de uma nova atitude para a construção de uma abertura ética do governo de si mesmo pode emergir um novo sujeito da educação que ao passar pela experiência psicanalítica da transferência consegue ressignificar sua própria forma de existir no mundo e desorganizar o processo de colonização do sujeito da educação.

## REFERÊNCIAS

---

CARVALHO, A. F. de. **Foucault e a função-educador**. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.

CAMPOS, É. B. Viana et al. A psicanálise e o desamparo frente à crise de valores e ideais na atualidade. **Estudos Interdisciplinares Em Psicologia**, v. 11, n. 3supl, p. 4-27, 2020.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2010.

DREYFUS, H. L.; RABINOW P. **Michel Foucault Uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. São Paulo: Forense Universitária, 2013.

HADOT, P. **Ejercicios espirituales y filosofía antigua**. Madrid: Siruela, 2006.



FREITAS, A. S. de. O “Cuidado de Si” como Articulador de uma Nova Relação entre Educação e Espiritualidade.” In: RÖHR, F. (Org.). **Diálogos em Educação e Espiritualidade**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2010.

\_\_\_\_\_. A Relação Subjetividade e Liberdade como Matriz da Noção de Espiritualidade. In: RÖHR, F. (Org.). **Diálogos em Educação e Espiritualidade**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2010a. p. 223-241.

\_\_\_\_\_. O que Caracteriza um Pensamento ou um Pensador (Pre)Ocupado com a Espiritualidade? In: RÖHR, F. (Org.). **Diálogos em Educação e Espiritualidade**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2010b. p. 341-373.

\_\_\_\_\_. O cuidado de si e os perigos de uma ontologia ainda sem cabimento: o legado ético-espiritual de Foucault. **Revista Pro-Posições** | v. 25, n. 2 (74) | P. 121-138 | maio/ago. 2014.

\_\_\_\_\_. As Lições Ainda Insuspeitas de Michel Foucault acerca da Formação Humana. **Educação & Realidade**, v. 40, n. 1, 2015.

FOUCAULT, M. A **Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **A coragem da verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

LALANDE, A. **Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

MARSHALL, D. J. “Michel Foucault: pesquisa educacional como problematização”. In: PETERS, M. A.; BESLEY, T. **Por que Foucault?:** novas diretrizes para a pesquisa educacional. Artmed Editora, 2008.

SAFATLE, V. **O circuito dos afetos**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2016.

\_\_\_\_\_. A teoria das pulsões como ontologia negativa. **Discurso**, n. 36, p. 151-192, 2007.

\_\_\_\_\_. **Lacan**. São Paulo. Publifolha, 2007a.

\_\_\_\_\_. **Maneiras de Transformar Mundos: Lacan, política e emancipação**. São Paulo. Autêntica, 2020.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004.